

Bucolismo é o que alegra em Cajazeiras

Foto: Carlos Santana



CRESCIMENTO
São mais de 500 mil habitantes em área de três antigas fazendas

NIKAS ROCHA

Apresentando a maior concentração de conjuntos habitacionais da cidade, o bairro de Cajazeiras, ao contrário do que se possa pensar, tem muita área verde, ar puro e em suas ruas pode-se andar tranquilamente, num clima bucólico de interior, ao ponto de, em algumas áreas, moradores à noite colocarem cadeiras à porta de casas e prédios para trocar os tradicionais dois dedos de prosa com os amigos. Apesar de não contar com uma boa estrutura de segurança pública, o índice de violência é baixo, levando-se em conta que são mais de 500 mil habitantes, numa região que começou a ser povoada por volta de 1977.

O clima de boa-vizinhança e cordialidade reinante, no entanto, não esconde o sentimento de insatisfação e até de revolta ante a indiferença das autoridades governamentais em relação aos problemas. O bairro cresceu desordenadamente nos últimos anos, com aumento crescente do número de conjuntos habitacionais, a que se somam a invasões com sua população de desempregados, sem que sejam assegurados serviços básicos para facilitar a vida do cidadão. É difícil entender que num bairro tão populoso inexistam agências bancárias, correios, cartórios, biblioteca pública, entre outros. "A vida aqui é tranqüila, os



Boa-vizinhança, cordialidade e entendimento entre moradores foram o segredo para solucionar problemas que surgiram desde os primeiros dias

vizinhos formam quase uma irmandade, mas em termos de serviços somos muito carentes", afirma o presidente da associação dos comerciantes do bairro, Alfredo Veneslan. A entidade que conta com 1.500 associados iniciou um movimento para tentar reverter a situação, dirigindo um memorial às autoridades públicas com um conjunto de reivindicações básicas. O documento está sendo passado entre membros da categoria e moradores, na expectativa de serem alcançadas 100 mil assinaturas.

Asfalto na porta

Cajazeiras começou a surgir em outubro de 1977, quando o

então governador Roberto Santos desapropriou terras, pertencentes a fazendas que desde o século XIX cultivavam laranja, café, mandioca e cana-de-açúcar. Havia muita área verde, oriunda da Mata Atlântica, que ainda circunda a região que fica entre a Estrada Velha do Aeroporto e a BR-324. A desapropriação veio atender às necessidades do processo de expansão urbana, resultante do crescimento da população. Foi fator preponderante na escolha da proximidade dos pólos industriais -Centro Industrial de Aratu e Petroquímico de Camaçari.

Jerônimo Macedo, morador do conjunto Fazenda Grande II, bloco 35, revela que em 1979 foram entregues os dois primeiros conjuntos habitacionais, num projeto experimental. Eram dotados de saneamento básico, asfalto na porta de casa e outros itens de infra-estrutura urbana, mas pecavam pela falta de equipamentos de lazer, posto médico, delegacia e outros serviços públicos. Também faltava ônibus, o que obrigava os primeiros moradores a se deslocar para o trabalho, caminhando a pé em busca de transporte.

"Estávamos ilhados e, por isso, logo prevaleceu o espírito de união para discutir e lutar por nossas necessidades", recorda Jerônimo. Os moradores se organizaram e até realizaram um congresso do bairro no Centro de Convenções, em 1992.



Apesar de populoso, o bairro não possui agências bancárias, correios, cartórios e biblioteca

Governo João Durval deu impulso

O projeto experimental de 1979 tomou novo impulso a partir de 1984, na gestão do governador João Durval. As construções ganharam novo ritmo sendo entregues os conjuntos Fazenda Grande 1 e 10, Cajazeiras 8, 10 e 11. Em 1985, vieram Fazenda Grande 2 e 3. E sucessivamente, em 1986 e 1987, o Cajazeiras 3, em Águas Claras; em 1990, o Fazenda Grande 4, conhecido como Boca da Mata, onde hoje vivem mais de 80 mil pessoas; os setores 4 e 5 e Cajazeiras 2, próximo ao leprosário. No início o bairro era habitado principalmente por funcionários públicos municipais e estaduais, mas hoje abriga uma população heterogênea, em parte oriunda do interior do Estado.

Apesar dos novos conjuntos e do aumento da população, não ocorreu grande mudança na oferta de serviços. Os moradores passaram alguns anos sofrendo na Estação de Transbordo EVA, mais conhecida como "campo de concentração", lembra Alfredo Veneslan, já que, sendo toda fechada, os usuários recebiam cargas de gás carbônico despejado pelos tubos de descarga dos ônibus. A inauguração da Estação Pirajá foi um alívio para eles. Mas a situação do transporte urbano, o sistema viário e a falta de sinalização das ruas permanecem insolvíveis, motivando queixas.

O desenvolvimento do bairro

também trouxe a Fundação Bradesco, o hospital público, o supermercado e o programa "Indústria no Bairro", que permitiu aos moradores se associarem para realizar trabalhos de marcenaria, serralheria e confecção e indústria. Como se instalou de forma desordenada, o comércio ainda ocupa terras não-legalizadas. Os comerciantes querem uma solução negociada com o governo estadual, já que a Conder absorveu a extinta Urbis, a construtora dos conjuntos.

Mas Cajazeiras não pára de crescer. Vários conjuntos continuarão sendo construídos e cinco deles, financiados pela Caixa

Econômica Federal, estarão sendo entregues neste mês. Os padrões de habitação melhoraram, mas também a mensalidade dos mutuístos aumentou para R\$ 180. Na Boca da Mata, área que fica próxima a um resíduo de Mata Atlântica, são mais 40 prédios novos. Este crescimento, no entanto, não uniu muito a presidente do conselho de moradores desse bairro, Madalena Rodrigues. "Constróem em novos conjuntos, mas aqui sofremos com a carência de posto médico, escola pública, farmácia e opções para comprar comida mais barata", argumenta.



Na localização pesou a proximidade com os pólos industriais

ONDE FICA



Edição de Arno A. TARDE